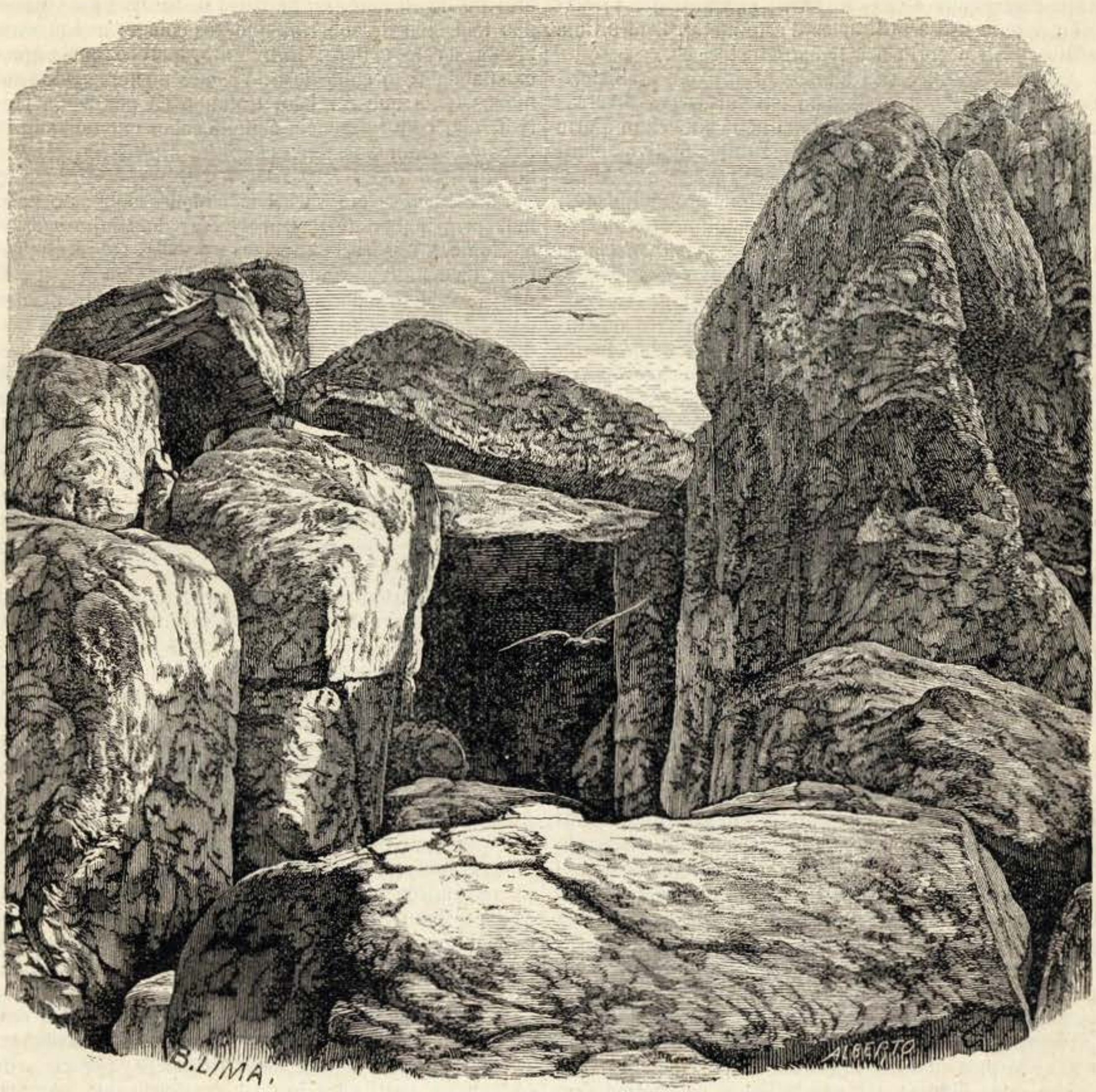


Dolmin de Adrenunes, na serra de Cintra

OS MONUMENTOS PREHISTORICOS

DOLMIN OU ANTA DE ADRENUNES, NA SERRA DE CINTRA

Um dos estudos archeologicos de que mais se occupam presentemente os que se dedicam a este importante ramo da sciencia, é o que diz respeito ás edades primitivas do homem. Dá-se a esses tempos o nome de *prehistoricos*, porque d'elles não chegou até nós memoria alguma escripta, nem gravada, nem tradicional, que nos instrua, ou dê qualquer explicação sobre o viver do homem n'essas epochas remotissimas.

Da existencia de muitos monumentos, espalhados por quasi todo o globo, e tão informes e toscos, que bem mostram que a mão do artifice não fez n'elles mais que dispor e amontoar grandes penedos, taes quaes a natureza os creára; do descobrimento de ossadas fosseis, e de varios utensilios de pedra grosseiramente affeiçoados, tem tirado os archeologos, á força de estudo e meditação, alguns conhecimentos, que são como frouxa luz a tentar romper as trevas de um passado mysterioso.

Essas pesquizas e lucubrações já nos deram o resultado satisfatorio de se poder distinguir nas primeiras epochas da existencia do homem as edades da pedra e do bronze. Entende-se por edades da pedra aquellas em que a humanidade, desconhecendo os metaes, servia-se de machados e outros utensilios de pedra. A edade do bronze refere-se ao tempo em que o homem, já conhecedor dos metaes, começava a applicar o cobre, só ou ligado, á fabricação, embora muito grosseira, das armas e utensilios de que carecia.

Enumeram os archeologos tres edades da pedra, e alguns accrescentam uma quarta. A primeira reconhece-se pelos instrumentos de pedra simplesmente lascados. Distingue-se a segunda por se apresentarem esses mesmos objectos (armas e utensilios) polidos por meio da fricção, o que já revela algum aperfeiçoamento. A terceira é designada pelas habitações lacustres, pelos oiteiros de conchas e pelas construcções de turfa. A esta edade correspondem os mesmos instrumentos de pedra polida, com exclusão absoluta de metaes.

Tendo o homem descoberto o cobre e outros metaes, começou a applicar aquelle, só ou ligado, á fabricação

dos seus utensilios e armas, deixando inteiramente o emprego da pedra para taes instrumentos. Dá-se a esta epocha o nome de edade do bronze. A que se lhe seguiu é chamada edade do ferro, porque então principiou a industria a utilisar-se d'este metal. Esta ultima edade abriu a porta aos tempos historicos.

Por conseguinte, nos tempos primitivos, prehistoricos, sendo a Europa habitada em partes por diversos grupos de populações que ainda não conheciam a arte de lavrar os metaes, temos hoje muitos motivos plausiveis para crer, tantas e tão fortes razões, que se poderá dizer que constituem mais que probabilidades, quasi o grau da certeza, que os monumentos de pedra denominados *dolmin*, *pedras em fórma de mesa* ou *mesas de pedra*, *camas* ou *tumulos dos Hünen*, *camas de gigantes*, *tumulos pagãos*, *galerias cobertas*, *cromlechs*, etc., como lhes chamam os povos dos diversos paizes onde taes monumentos existem, foram levantados por homens anteriores ás epochas de que temos conhecimentos historicos. Segundo a opinião dos mais doutos archeologos, pertencem esses monumentos, ou pelo menos a maior parte dos que se conhecem, á terceira edade da pedra e á edade do bronze.

Encontram-se dolmins na Asia (na Syria, na Arabia e no Deccan), na Africa septentrional e na Europa.

Alexandre Bertrand publicou em Paris um mappa mui curioso, que indica a distribuição geographica dos dolmins. Não nos permitte o espaço de que podêmos dispor, espaço acanhadissimo para tão grande assumpto, dar uma idéa da distribuição dos dolmins na Europa, desde a Curlandia até Portugal, conforme a descreve aquelle archeologo. Apesar da grande quantidade d'estes monumentos, que tem sido destruidos, no correr dos seculos, em differentes paizes, os que restam, sómente na Europa, contam-se por centenares.

Portugal continha avultado numero d'estes monumentos, que, pela maior parte, foram destruidos pelas convulsões do solo, e tambem, certamente, pelos povos visinhos, quando a situação dos dolmins os convidasse a preferil-os a qualquer pedreira para extracção da pedra de que necessitassem para as suas construcções.

Foi a provincia do Minho, em razão de ser mais populosa, onde aquella destruição foi maior e mais completa. Auctorisam esta opinião duas circunstancias: a primeira, existirem presentemente dois unicos dolmins n'aquella provincia, ou, pelo menos, não se saber que exista mais algum; a segunda haver na mesma provincia varias povoações e muitos logares ermos com a denominação de *Anta* ou *Antas*. Os nossos antepassados davam este nome aos dolmins, na persuasão de que tinham servido de aras gentilicas, sobre as quaes faziam seus sacrificios os povos que as construiram, immolando victimas ás divindades a que rendiam culto. Portanto, é fóra de dúvida que em todas as povoações e logares, tanto do Minho como de outras provincias, designados com o nome de *Anta* ou *Antas*, houve outr'ora dolmins.

Aquelles de que ha noticia existirem em o nosso paiz são os seguintes: na provincia do Minho, no monte da Polvoreira, proximo das Caldas de Vizella; e no monte da Pedreira, a pouca distancia de Pombeiro: na provincia de Traz-os-Montes, em Fantel, em Carrazedo [1], em Monte Fidalgo, e perto de Villa Velha do Rodão: na provincia da Beira, a legoa e meia da cidade da Guarda; em Antas de Penalva; perto de Celorico, nos concelhos de Vizeu e de Sabugal: na provincia do Alemtejo existem muitos dolmins nas circumvisinhanças de Castello de Vide, que, por brevidade, deixâmos de mencionar; e além d'estes, nas cercanias da villa do Crato, entre a villa de Aguiar e Evora, e entre esta cidade e Vendas do Duque, entre os Pégões e Vendas Novas, nos arredores das villas de Nisa, de Arrayolos, de Barbacena, e ainda outros no concelho de Evora: na provincia da Estremadura apenas sabemos do de *Adrenunes*, na serra de Cintra: no Algarve não tem sido descoberto, que nos conste, monumento algum d'este genero. Entretanto, parece que algum existia sobre o cabo de S. Vicente no tempo dos romanos, pois que Strabão, tratando da peninsula iberica, diz, com referencia áquelle cabo, então chamado *Promontorium Sacrum*: «*Lapides multis in locis ternos aut quaternos impositos.*»

Encontram-se em varias localidades do nosso paiz, mas principalmente nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, uns restos de construcções, sobre oiteiros mais ou menos elevados, que o povo julga serem ruinas de castellos antigos, e que designa com o nome de *castro* ou *crasto*, vocabulo derivado do latino *castrum*, castello ou campo entrincheirado. A disposição circular das pedras, que se observa em alguns d'elles, e outras circunstancias mais, relativas á construcção militar dos romanos, e que alli faltam absolutamente, levam-nos a crer que taes restos de construcções são monumentos prehistoricos, e não romanos, como parece indicar o seu nome popular. Todavia, não é questão para ser tratada em meia duzia de linhas, ao correr da penna, e sem prévias investigações nos proprios logares.

Duas importantes questões se tem agitado ácerca dos dolmins. Versa a primeira sobre quaes foram os constructores d'estes monumentos. A segunda diz respeito ao fim para que foram erigidos.

Os escriptores antigos, particularmente os portuguezes, que pouco estudaram esta materia, e ainda os estrangeiros que sobre ella escreveram até aos principios do segundo quartel d'este seculo, attribuiram aos celtas a construcção dos dolmins, e, acceitando a tradição popular, deram o nome de aras a esses grandes penedos dispostos em fórma de mesa. Aquelles nossos escriptores foram: Manuel de Faria Severim, na relação de uma viagem que fez á Beira; e Martinho de Mendonça de Pina, em uma memoria sobre os ditos monumentos, que apresentou e leu á academia real de historia portugueza, da qual era membro, em sessão de 30 de julho de 1733.

Os estudos que os archeologos modernos tem emprehendido, auxiliados por importantes descobertas que tem sido feitas em diversos paizes, por meio de excavações praticadas junto e em torno dos dolmins, tem lançado alguma luz em varios pontos da questão, e em outros apenas tem servido de dar novo rumo ás idéas.

Originou-se de tudo isto grande variedade de opiniões, mais ou menos plausivelmente fundamentadas, ácerca dos povos constructores dos dolmins. Todavia, forçoso é confessar que, apesar de todas as investigações até agora feitas, e de tanto lidar da intelligencia de mui distinctos sabios, ainda não foi levantado o véo que encobre este mysterio. Apenas o que parece exhuberantemente demonstrado, é que os povos que construiram taes monumentos viveram nas epochas prehistoricas.

Das excavações a que acima alludimos tem resultado o descobrimento de cadaveres e ossadas dispersas, bem como de diversos instrumentos de pedra, nos terrenos por baixo e em volta dos dolmins. De similhante descoberta tirou-se racionalmente por conclusão que os dolmins são monumentos funerarios. Porém seriam ao mesmo tempo monumentos religiosos? Seriam simultaneamente, como pretendem alguns archeologos, padrões commemorativos e altares erigidos para sanctificar esses logares de repoiso eterno? Afigura-se-nos que este ponto ainda não está satisfatoriamente resolvido.

Nas excavações feitas junto aos dolmins, já se sabe,

[1] Em Carrazedo não é dolmin, mas sim um dos monumentos da mesma epocha, chamados entre nós *mamunhas*, *mamuas* ou *mamôas*.

nos paizes estrangeiros, pois que em o nosso não se cuida d'essas coisas, tem sido achados tambem instrumentos de metal, e vasos ou urnas de barro com cinzas. D'isto concluem os archeologos, com bastante plausibilidade, que, durante as edades da pedra, eram enterrados os cadaveres; e nas edades do bronze e do ferro eram queimados, e as cinzas recolhidas em vasos de barro, e depois enterradas.

O monumento prehistorico representado em a nossa gravura está situado sobre um dos mais elevados pinaculos da serra de Cintra. Saíndo da villa de Collares, caminho do logar do Penedo, em direcção á ermida de Nossa Senhora da Peninha, edificada tambem sobre um agudo pincaro, junto ao cabo da Roca, encontra-se, antes de chegar á dita ermida, tres altos serros, dispostos em um quasi alinhamento, e a distancias uns dos outros quasi eguaes. O que fica no centro é denominado *serro* ou *cabeço dos Picotos;* o da parte de léste *Monge;* e o de oeste, que se levanta a pouca distancia da pequena aldeia da Atalaya, tem o nome de *Adrenunes*. Na parte superior d'este avulta o monumento prehistorico.

O pincaro é composto de rochas graniticas, que permittem, com alguma difficuldade, a ascensão do viajante ao ponto mais elevado. O dolmin tem a fórma de galeria coberta, e serve actualmente de base a uma das pyramides da triangulação do reino.

Estimariamos poder accrescentar a este resumido quadro mais alguns esclarecimentos sobre tão interessante assumpto; mas o proximo termo d'este volume obriga-nos a acabar aqui este artigo. Porém não o concluiremos sem indicar aos nossos assignantes que desejarem mais amplas noticias, relativas aos monumentos prehistoricos, uma boa fonte a que podem recorrer.

O sr. F. A. Pereira da Costa publicou o anno passado uma excellente memoria intitulada: *Monumentos prehistoricos: descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal*, adornada de estampas. É um bello trabalho, consciencioso, cheio de erudição, e dirigido com tal methodo e clareza, que, ao mesmo tempo que utilisa aos sabios, e enriquece a sciencia com um importante peculio de noticias e observações relativas aos monumentos prehistoricos de Portugal, facilita e põe ao alcance de todos o conhecimento d'esta materia. Esta memoria, pois, attendendo á insufficiencia da que escreveu no seculo passado Martinho de Mendonça de Pina, preencheu na litteratura portugueza uma lacuna que nos envergonhava.

Varios archeologos, vindo ao nosso paiz, visitaram e descreveram alguns dolmins. Mr. Hautefort escreveu ácerca dos monumentos prehistoricos denominados *cromlechs*, que viu na provincia do Alemtejo, entre os Pégões e Vendas Novas. R. Kinsey tratou especialmente dos que se acham no concelho da villa de Arrayollos.

Tanto em França como na Inglaterra e na Allemanha, mas sobre tudo n'esta ultima, tem sido publicados modernamente muitos e importantes estudos ácerca dos monumentos prehistoricos. No *Globus*, excellente jornal litterario allemão, publicou o distincto archeologo Carlos Andree, em 1867, uns artigos muito interessantes, cujo argumento é: «Distribuição geographica dos dolmins nas tres partes do mundo; a população prehistorica da Europa e os monumentos da edade da pedra; a edade da pedra e edade do bronze; opinião dos archeologos do norte da Europa; cadaveres descobertos nos dolmins; transição de uma edade para outra; descoberta de uma camada que revela a existencia de uma povoação ainda mais antiga; os dolmins na Arabia central; observações de Gifford Palgrave; os monumentos da edade da pedra na Argelia; a hypothese dos Tamhu; phantasias sobre emigrações; hypotheses celticas; os povos aborigenes mais antigos da Africa septentrional.»

Este escriptor, referindo-se a Portugal, apenas faz menção dos dolmins da Beira e Alemtejo.

Em fim, tão reconhecida tem sido entre as nações mais cultas a importancia do estudo e das investigações sobre os tempos primitivos do genero humano, que em agosto de 1867 foi convocado e celebrado em Paris um congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas.

A nossa gravura é cópia de uma photographia tirada pelos srs. Guimarães e Rocchini, a qual foi enviada pelo nosso governo, juntamente com outras de monumentos nacionaes, á exposição universal de Paris de 1867.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O GENRO DO REI

(Conclusão. Vid. pag. 365)

V

Ouvíra o principe que o inferno era terra quente, e com este signal esperava encontrar a terra que procurava. Andando, andando, começou a sentir um calor tão intenso, que não teve outro remedio senão ir tirando toda a roupa. Quando só lhe restava a camisa, e já estava com vontade de a tirar, descobriu uma caverna, que não duvidou fosse a entrada do inferno, a ajuizar pela multidão que a invadia.

Invadiu-a tambem, e andando, andando, chegou á habitação do diabo, que casualmente não estava então em casa, porque andava, segundo lhe disseram, muito occupado na formação de não sei quaes partidos politicos.

O sequito do demonio era numeroso e vistoso. Um dos criados particulares foi dizer á senhora do diabo que estava alli mais um visitante de alta cathegoria, e a senhora ordenou que o principe entrasse na sua camara, onde o principe a encontrou sentada em um sophá, com um penteado de tal espavento, que lembraria o celebrado por Nicolau Tolentino, e embutida em um merinaque que tomava metade da camara.

— Não está em casa o sr. demonio? perguntou-lhe o principe um tanto envergonhado do seu desalinho.

— Não, senhor, lhe respondeu a senhora com um lisongeiro sorriso, recolhendo um pouco o merinaque para que o mancebo podesse sentar-se-lhe ao lado. E dê graças a Deus de que não esteja, porque tem elle um genio tão endiabrado, que, se estivesse, não sairia d'aqui vossa alteza com vida.

— Por quê?

— Porque é zeloso como um demonio.

— Agradam-lhe as mulheres, hein?

— Pois haviamos de desagradar-lhe?!...

— Não me lembrava de que as mulheres lhe servem para muito.

— Servimos-lhe em tudo e para tudo.

— Antes que venha, direi á senhora o negocio que me trouxe aqui, e, por certo, é muito grave.

Animado o principe com os significativos e carinhosos olhares e tentadores sorrisos que lhe dirigia a senhora do demonio, pediu a esta auxilio para conseguir, em primeiro logar, tres cabellos da cabeça do reprobo, e, em segundo, a resolução dos tres problemas que deixára pendentes no caminho, a saber: o da fonte, o da macieira e o do barqueiro.

A senhora, que estava cada vez mais amavel e condescendente com o principe, e que estudava com o demonio para resolver as mais difficeis questões, dava tratos aos miolos para encontrar os meios de satisfazer o principe, quando bateu á porta o diabo em pessoa; e, para salvar o principe de suas garras, não teve outro remedio senão occultal-o nas dobras do merinaque.

— Cheira aqui a christão! disse o diabo assim que entrou, contrahindo as ventas como quem sorve taba-

co. Cheira-me a christão, e levem-me todos os demonios se por aqui não ha algum!

— Ahi andas, meu demonio, com as apprehensões do costume! disse-lhe a senhora com a maior naturalidade do mundo. Quando has de deixar de alvoroçar a casa com os teus negregados zelos?

— Repito que cheira aqui a christão...

— A demonio cheirará, Deus me perdoe!

O diabo tranquillisou-se por fim, porque as mulheres são capazes de tranquillisar o proprio diabo; e, como estava prostrado com o que lhe davam que fazer os homens politicos, sentou-se em uma cadeira baixa e reclinou a cabeça nos joelhos da senhora, para que esta lhe compozesse o cabello, que se lhe eriçára de espanto ao figurar-se-lhe que a camara cheirava a christão.

Apenas reclinou a cabeça, adormeceu e principiou a roncar, com alegria do principe, a quem até aquelle momento não lhe havia chegado a camisa ao corpo. Então a senhora tomou um cabello entre o indicador e o pollegar, e... zás! arrancou-o de um puxão e deu-o ao principe com toda a cautela.

O demonio acordou com a dor, exclamando:

— Diacho, que me fizeste mal!

— Socega, homem, disse a senhora do diabo, socega, porque tinha adormecido e estava sonhando quando tirei o cabello; e sonhava uma coisa bem extravagante...

— E que era o que sonhavas? perguntou o diabo, que não pôde deixar de mostrar a sua extrema curiosidade.

— Que em uma cidade é tudo lagrimas e preces porque deixou de correr uma fonte.

— E não tornará a correr em quanto não matarem um sapo que se atravessou no cano, respondeu o diabo e novamente adormeceu.

Assim que o diabo tornou a roncar, a senhora tomou outro cabello, e... zás! arrancou-o de um puxão e deu-o do mesmo modo ao principe.

— Demonio, que me fizeste ver as estrellas! gritou o diabo tornando a acordar.

— Socega, homem, disse a senhora, socega, que tambem foi sonhando, porque tornei outra vez a adormecer; e sonhava um sonho tão singular...

— E que sonho era?

— Sonhava que em outra cidade era tudo lagrimas e preces porque seccára a mais formosa macieira.

— E continuará a seccar se não matarem um bicho que lhe roe a raiz, respondeu o diabo tornando a adormecer.

Quando a senhora o ouviu roncar tomou-lhe outro cabello, e... zás! arrancou-o e deu-o ao principe, que se conservava escondido nas sáias da sua protectora.

— Com mil demonios! exclamou o diabo furioso, acordando novamente com a dor.

— Socega, homem, disse a senhora, socega, porque tirei agora outro cabello tambem sonhando. Adormeci, e logo comecei a sonhar de um modo tão estranho...

— E que sonhavas?

— Que um barqueiro muito inhabil tem desejo de saber se encontrará alguem mais pêco que elle para o substituir.

— Substituil-o-ha nada menos que um rei, disse o diabo e tornou a ficar inteiramente adormecido.

Então o principe saíu cuidadosamente do merinaque protector, onde o calor não o suffocára, graças ao desalinho do seu vestuario e aos calafrios que alli sentira; e se não pôde levar após si, ao partir-se, a alma da senhora, era porque a alma da senhora pertencia ao diabo.

VI

O principe emprehendeu o regresso á sua terra, tornando a enroupar-se á medida que se afastava do inferno, que é terra quente; e, ao passar pela referida barca, encheu de alegria o barqueiro, annunciando-lhe que ia ser substituido, e nada menos que por um rei. Como testimunho de gratidão, o barqueiro disse ao principe que, na vespera do dia em que elle passára por alli, tinham passado dois lavradores com um burro carregado de oiro, o que provava que do outro lado do rio devia haver alguma mina riquissima.

— Boa noticia levo ao senhor meu sogro, disse para si o principe.

O principe foi buscar á estalagam o burro carregado de oiro, e andando, andando com o burro diante de si, chegou á cidade da macieira, procurou o bicho que roia a raiz d'aquella singular e preciosa arvore, matou-o, e logo no dia seguinte começou novamente a florescer a macieira, em vista do que a cidade, cheia de regozijo e reconhecimento, lhe deu o promettido burro carregado de oiro.

Andando, andando com os seus dois burros carregados de oiro adiante de si, o principe chegou á cidade da fonte, procurou o sapo atravessado no cano, matou-o, e a fonte continuou a correr como d'antes, pelo que a cidade, summamente grata, lhe deu outro burro carregado de oiro.

O principe, andando, andando com os seus tres burros carregados de oiro, chegou á corte, abraçou a infanta sua mulher, sem dizer-lhe, já se sabe, que se tinha encontrado envolvido no merinaque da senhora do diabo, e brindou o rei seu sogro com os tres cabellos do demonio, que o rei teve como legitimos.

Quando o rei viu os tres burros carregados de oiro, abriu muito os olhos e perguntou ao seu genro onde estava a mina que produzia aquelle oiro; e como seu genro lhe dissesse que devia estar do outro lado do rio já indicado, o rei poz-se immediatamente a caminho para ir procurar e explorar a mina.

O principe no entretanto disse para com os botões:

— Que falta poderão fazer-me esses tres burros carregados de oiro, se me bastam para a minha limitada ambição o amor de minha mulher e as rendas do principado? Vou-me com elles ao moinho onde me criei, enriquecer os que me criaram com tanto carinho; e, se na passagem encontrar os dois mendigos com os quaes reparti o dinheiro com que meu sogro me brindou, não se irão com as mãos vasias, que tenho para mim que a minha boa sorte é devida ás bençãos que me lançaram.

Andando, andando com os seus tres burros carregados de oiro, o principe passou por uma aldeia, e á porta de uma casa miseravel viu um velho e uma velha tomando o sol, e, ao reparar-lhes bem no rosto, reconheceu n'elles os mendigos a quem soccorrêra quando ia com a carta do rei, e deu-lhes immediatamente um dos burros carregados de oiro, e continuou o seu caminho, em quanto os anciãos diziam, abençoando e chorando de alegria:

— Já temos com que fazer a viagem á corte e averiguar o que foi feito do querido filho que o rei nos levou.

— De que filho fallarão estes bons velhos? disse para si o principe ao ouvil-os. Tratar-se-ha, porventura, de alguma armadilha do senhor meu sogro, que é uma joia?...

E andando, andando rio abaixo com os seus dois burros carregados de oiro, chegou ao moinho onde se havia criado, e, depois de ter passado alguns dias na melhor convivencia com os que lhe tinham servido de paes, deixou-lhes os dois burros carregados de oiro e voltou-se á corte, onde o esperava a infanta sua mulher, cada vez mais enamorada d'elle.

Ia expirando o anno depois da partida do rei, e o rei não voltava, o que era coisa muito séria, porque, segundo o disposto na constituição, perdia a coroa se não regressasse antes de completar o anno da sua saída

do reino. Completou-se o anno sem que o rei voltasse, e passou a cingir a corôa seu genro, que se dedicou em corpo e alma a fazer a felicidade dos seus vassallos, que necessitavam muito d'isso, porque o anterior monarcha descurava tudo pelo seu ridiculo desejo de procurar minas de oiro e prata.

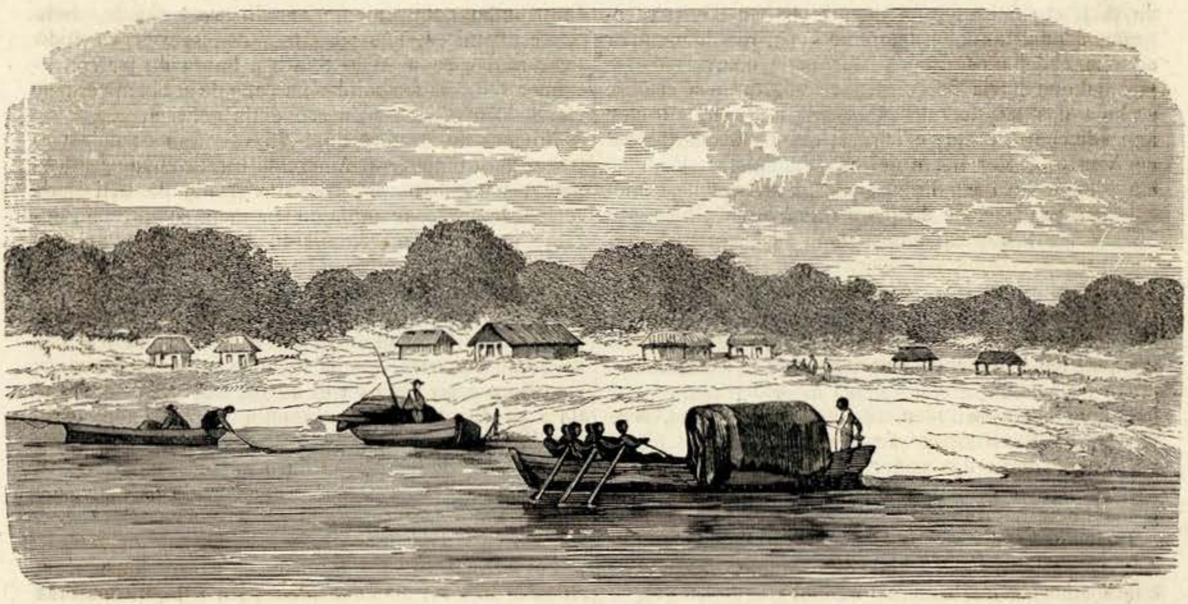
Mas que era feito do rei?

O rei havia substituido o barqueiro, porque dirigíra a embarcação do estado muito peior que o barqueiro a sua; e no resto da sua vida não pôde sair da barca, porque desde então entrou n'ella outro homem mais inhabil que elle. Mau anno foi, pois, aquelle para taes reis!

BRASIL

ALDEIA DE S. JOSÉ DE MATURI

Na margem esquerda do grande rio Amazonas, defronte da espaçosa foz do rio Madeira, vê-se uma pequena aldeia, composta de poucas e pobres casas abarracadas e dispersas. O terreno saibrento e arido em que está edificada faz singular contraste com os bosques frondosos, que se levantam, a curta distancia, nas costas d'ella, como contrasta a humilde povoação com a magestade do rio em que se espelha, e com as esplendidas galas naturaes que por todos os lados a cercam.



Aldeia de S. José de Maturi

Chama-se este humilde povoado *S. José de Maturi.* Deu-lhe principio um missionario portuguez, fundando-o para habitação dos gentios, que, com suas palavras evangelicas, ia catechisando e attrahindo para a vida civilisada. Todavia, não conseguiu o missionario vencer a indolencia dos gentios e fazer-lhes adquirir habitos de trabalho. Assim ficou estacionaria a nascente aldeia, e como os descendentes dos seus primeiros moradores não se tenham mostrado mais diligentes e activos, apesar da fertilidade dos terrenos circunvisinhos e das vantagens da sua situação, debalde tem corrido o tempo para o seu engrandecimento.

Umas oito casas, comprehendida uma capella dedicada a S. José, de tão mesquinha architectura que se confunde com as outras construcções, é tudo quanto constitue aquella aldeia. Para se poder fazer um juizo approximado das bellezas da sua situação, veja-se, a pag. 301, a descripção da foz do rio Madeira, e a gravura da pittoresca ilha da Mantiqueira.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ADÃO SMITH

(Vid. pag. 354)

IV

Demorando-se, quasi de passagem, alguns dias em Paris, dirigiu-se Adão Smith e o seu joven discipulo directamente a Tolosa, onde pouco antes fôra executado o desgraçado Calas, uma das ultimas victimas da intolerancia religiosa que ficou registada no immenso martyrologio do protestantismo em França. Smith, referindo, nas seguintes edições da sua *Theoria dos sentimentos moraes*, o horroroso supplicio d'este infeliz, acompanha a narração de acertadas considerações sobre a grande desegualdade que ha no castigo, avaliado quanto á diversa impressão moral que produz n'aquelles que o supportam.

Cêrca de um anno se demoraram em Tolosa os dois viajantes. Por que escolheram para residencia esta cidade, não está averiguado.

O sr. Leonce de Lavergne parece julgar provavel que a fama que tinha n'essa epocha em toda a Europa a administração dos estados do Languedoc, e a lucta acalorada que alli se empenhava entre o parlamento e o governador a proposito das liberdades da provincia, convidassem Adão Smith e o joven duque de Buccleug a demorarem-se tanto tempo em Tolosa. Fosse, porém, esta causa, ou unicamente a natureza do clima, que para alli attrahisse os dois viajantes, é certo que Adão Smith aproveitou o tempo da sua residencia n'esta cidade, principalmente para estudar a lingua franceza, a qual, não obstante isso, se acreditarmos o testimunho de um seu contemporaneo, o abbade Morellet, se lhe não tornou nunca muito familiar.

De Tolosa, onde viveram sempre na sociedade dos homens mais notaveis do parlamento, seguiram os dois viajantes pelo sul da França, visitando as mais importantes provincias, e foram passar dois mezes em Genebra.

Em dezembro de 1765 voltaram a Paris, onde se demoraram até outubro do anno seguinte.

Não era já alli desconhecido o nome de Adão Smith. A sua obra tinha-lhe, como dissemos, alcançado celebridade na Europa; e em França, logo depois da sua publicação, um jornal dera um extracto d'ella. Já então Voltaire não duvidava dizer do illustre philosopho escocez, em uma das suas cartas: «É homem notavel este Smith. Não ha alli nada que não seja aproveitavel. Lastimo que assim seja, por amor dos meus caros compatricios.»

O seu nome, pois, as recommendações do seu verdadeiro amigo David Hume, e não pouco, de certo, a riqueza do seu companheiro de viagem, obtiveram-lhe o mais favoravel acolhimento por parte dos homens notaveis da França.

Em casa da duqueza de Anville, cujo filho, o duque de la Rochefoucauld, foi depois victima d'essa revolução, á qual immolou talento e bens, reuniam-se por aquella epocha os economistas mais notaveis d'essa pleiade que havia de constituir mais tarde a celebre eschola dos physiocratas. Foi alli que Smith travou amizade com Quesnay e Turgot; que conheceu Dupont de Nemours, Morellet e outros economistas, já então em grande voga em França pela doutrina que começavam a propagar, e de que o *Quadro economico*, publicado em 1758, havia assentado as bases mais importantes.

Não eram, porém, sómente os economistas, cujo trato prezava Adão Smith. A philosophia devia-lhe affecto, pelo menos, egual. Foi por isso que procurou tambem ter entrada com os homens que trabalhavam então na grandiosa empreza da *Encyclopedia*, e entabolou conhecimento com d'Alembert, Helvetius, Marmontel e outros dos celebrados collaboradores d'esse vasto repositorio dos conhecimentos do seculo, e ao mesmo tempo guarda avançada da futura revolução social.

Quasi nada nos consta a respeito das relações que Adão Smith teve com Quesnay e Turgot; mas é certo que a amizade que os ligou não foi d'aquellas que facilmente faz esquecer o tempo ou a distancia. Sabemos que Adão Smith tencionava dedicar ao illustre chefe da eschola dos physiocratas a sua obra immortal ácerca da sciencia economica, e parece egualmente averiguado que manteve por muito tempo seguida correspondencia com o ousado ministro de Luiz XVI.

Tem sido ponto largamente contestado se ás conversações de Turgot e de Quesnay deveu Adão Smith as idéas fundamentaes da obra que lhe assegurou o logar de honra entre os economistas.

Dupont de Nemours, um dos mais fervorosos evangelisadores da doutrina dos physiocratas, assim o pretende; parecendo ignorar que, muitos annos antes da sua ida a Paris, isto é, desde 1752, já Smith, como dissemos, professava na universidade de Glasgow os principios da sciencia de que devia ser o fundador.

É certo que o economista escocez aproveitou o tempo da sua estada em Paris discutindo largamente com os economistas francezes os assumptos economicos. Mas o proprio abbade Morellet, dizendo-nos que se encontrava com elle em casa de Helvetius, accrescenta que fallavam sobre theoria commercial, bancos, credito publico e varios outros pontos *da grande obra que elle projectava.*

Convem ainda advertir que já no ultimo paragrapho da primeira edição da *Theoria dos sentimentos moraes*, que veiu á luz, como sabemos, em 1759, Adão Smith promettia publicar uma obra ácerca das leis que regem a riqueza das nações.

Mas não são estes os unicos argumentos que deitam por terra a opinião que apontámos. Se nos lembrarmos de que a economia politica era uma parte do curso de philosophia moral da universidade de Glasgow, e que Adão Smith não fez mais do que seguir o programma e o systema de Hutcheson; se attendermos a que o economista francez combateu victoriosamente na sua obra alguns dos erros mais importantes da eschola de Quesnay; se lançarmos mão, finalmente, de um manuscripto datado de 1755, que nos fornece Dugald Steward, e pelo qual se prova que Adão Smith já n'aquella epocha tinha assentado nos principios fundamentaes que deviam ser base da sciencia economica, havemos de convencer-nos de que não foi das conversações de Quesnay e Turgot que saíu a *Riqueza das nações*, embora seja provavel que o seu auctor modificasse, ou reformasse mesmo, algumas das suas anteriores idéas, ao contacto das doutrinas da eschola physiocrata.

Sem tirar, pois, aos economistas francezes do seculo XVIII o incontestavel merecimento de haverem contribuido notavelmente para o progresso dos estudos economicos, não póde tambem, sem grave injustiça, roubar-se a Adão Smith a honra de ter constituido a sciencia em solidas bases, e de ser com verdade chamado o fundador da economia politica.

No mez de outubro de 1776 voltaram os dois viajantes para Inglaterra. Adão Smith retirou-se para Kirkaldy, e alli, completamente afastado do bulicio da sociedade, na companhia de sua mãe, se entregou durante dez annos á compilação da obra que havia de tornar immorredoira a sua memoria.

Em vão os seus amigos procuravam fazel-o desistir d'aquelle voluntario afastamento da sociedade, lamentando que vivesse quasi ignorado n'uma pobre aldeia da Escocia o homem cujo talento o mundo admirava; em vão o mais querido de todos, David Hume, insistia com elle para que deixasse o retiro onde se escondia, suppondo este *filho da indolencia e do amor da solidão;* Smith não cedia a nenhumas instancias, e continuava, sem descanço, carreando os materiaes para o monumento que, sem o suspeitar talvez, a si proprio estava levantando.

Em 1771 começou Adão Smith a redigir a sua obra, *Riqueza das nações*, que principiou a imprimir-se no fim do anno de 1775, e appareceu á luz em 1776.

Alguns dos homens mais illustrados da Inglaterra saudaram logo com sincero enthusiasmo a apparição do livro; e o celebre Fox não duvidou mesmo cital-o por vezes no parlamento, e recommendal-o como obra indispensavel aos homens do governo.

Hume, o amigo fiel e dedicado de Smith, escrevia-lhe, logo depois da apparição da *Riqueza das nações*, uma carta em que se liam as phrases seguintes: «A vossa obra causou-me a maior satisfação, e veiu afugentar do meu espirito uma penosa anciedade. Receiava, na verdade, vêl-a surgir á luz, tal era a impaciencia em que a esperança da sua apparição conservava não só o seu auctor, mas tambem os nossos amigos e o publico. Em fim, estou descançado. Não significa isto que não receie que o favor do publico se demore ainda em pronunciar-se, ponderando a muita attenção que exige a sua leitura, e a pouca que elle soe dispensar. Mas como ha n'ella profundeza, solido estudo, acertadas e engenhosas apreciações, tarde ou cedo, com taes predicados, far-lhe-hão inteira justiça.»

N'esta mesma carta Hume pedia a Smith que não reservasse para muito tarde a occasião de estarem juntos, porque desejava contestar-lhe algumas proposições do seu livro, e previa que o seu estado de saude lhe não daria logar para grandes demoras. Não o enganava o presentimento, porque, mezes depois, o illustre philosopho havia deixado de existir.

Devia ser profunda a impressão que causou a Smith a morte do seu amigo; e d'isso temos segura prova n'uma carta escripta por essa occasião, na qual bem claramente patenteava elle quanto similhante perda lhe fôra penosa.

A publicação da sua obra, cuja primeira edição se fez em Londres, levou-o a esta cidade, onde se de-

morou dois annos, frequentando a sociedade dos homens mais distinctos nas letras, e tratando especialmente com Gibbon, Burke e Pulteney.

Foi por então que as recommendações do duque de Buccleug lhe obtiveram o logar de commissario de alfandegas na Escocia, occupação bem pouco accommodada, certamente, para o homem que acabava de dar á luz a *Riqueza das nações*, e que se preparava para, em outra obra, estudar a historia e a theoria do direito, desde os seus principios mais obscuros, nos povos e na alma humana, até ao seu mais completo desenvolvimento.

Esta obra, que devia intitular-se *Theoria da jurisprudencia*, tinha sido promettida ao publico na primeira edição da *Theoria dos sentimentos moraes*. Na ultima edição prevía já Smith a impossibilidade de satisfazer a promessa feita. «Ainda que a minha edade (66 annos), dizia elle, me não deixa senão fraca esperança de levar a cabo esta obra importante, tal como eu a concebo, comtudo, como ainda não desisti do meu proposito (desejando para esse fim empenhar todas as minhas forças), conservei o paragrapho, em que a annunciava ha trinta annos, tal como estava redigido quando eu contava poder desempenhar-me de todas as promessas que contrahia perante o publico.»

Se, porém, os deveres do seu cargo, a sua edade e os desgostos que nos ultimos annos da sua vida pertinazmente o atormentaram, lhe não consentiram a publicação de tão importante obra, nem por isso os doze annos que viveu em Edimburgo foram completamente estereis para a sciencia.

As edições das suas obras, a que procedeu durante este periodo, ganharam successivamente em correcções e addicionamentos valiosos. Tanto na *Theoria dos sentimentos moraes* como na *Riqueza das nações*, se encontram nas ultimas edições, feitas sob sua direcção, capitulos inteiramente novos, sendo alguns sobre pontos importantes.

Em 1784 a morte roubou-lhe sua mãe, e pouco depois uma parenta a quem consagrava profunda affeição. Foram duas feridas moraes que nunca se cicatrizaram, e que bastante concorreram para se aggravarem os padecimentos physicos, que começavam já de quebrantar-lhe as forças.

A falta d'aquelles que mais caros lhe tinham sido no mundo abbreviou evidentemente os seus dias. Entrou-lhe na alma o desalento. No trecho acima citado, escripto um anno antes da sua morte, descobre-se facilmente esse desanimo, contra que a sua vontade tentava ainda, mas debalde, reagir.

Em 1787, tres annos apenas antes da sua morte, a universidade de Glasgow concedeu-lhe o honroso titulo de reitor. Foi esta para Adão Smith uma das distincções que mais satisfação lhe causaram, principalmente porque lhe avivava a memoria dos treze annos que passára na universidade, e que foram, segundo elle proprio o confessa, os mais felizes da sua vida.

Em julho de 1790 augmentaram-se sobremodo os seus padecimentos, e sobreveiu-lhe uma obstrucção intestinal que poz termo aos seus dias.

Conhecendo que se lhe avisinhava o fim da vida, declarou terminantemente aos poucos amigos que se acercavam do seu leito, que era vontade sua que fossem queimados os seus manuscriptos. «Tencionava, lhes disse elle com a voz já enfraquecida, aproveitar muitos dos materiaes que se encontram entre os meus papeis; mas vejo que é tarde para isso.»

D'esta condemnação foram só exceptuados os manuscriptos que comprehendiam uma historia da astronomia, da physica e da metaphysica dos antigos, e uma extensa dissertação sobre a natureza da imitação nas artes chamadas imitativas; manuscriptos estes que foram publicados depois da morte do auctor sob o titulo de *Ensaios philosophicos (Essay on philosophical subjects)*.

A destruição dos papeis do illustre economista tem servido de argumento aos que attribuem as idéas fundamentaes da *Riqueza das nações* ao trato intimo em que Adão Smith viveu em Paris com Turgot e Quesnay. Conjecturam elles que o motivo d'esta destruição fôra a discordancia que havia entre as lições sobre economia politica feitas em Glasgow, que estavam entre os seus manuscriptos, e a nova doutrina economica ensinada na sua obra.

Este argumento não tem maior força que os demais. Se os motivos que imperavam no animo de Adão Smith ao ordenar que se queimassem os seus manuscriptos houvessem sido taes quaes se apontam, não se poderia explicar por que foram tambem envolvidos na ordem de destruição a maior parte dos manuscriptos que continham as suas lições de rhetorica e de bellas letras, de theologia natural, e de direito civil e politico, o anniquilamento de alguns dos quaes se póde reputar uma verdadeira calamidade scientifica e litteraria.

É mais razoavel acreditar que o illustre auctor da *Theoria dos sentimentos moraes* e da *Riqueza das nações* não considerava dignos de apparecerem ao publico, ao lado das suas obras já publicadas, os manuscriptos que mandava queimar.

Quem sabe se desgraçadamente elle se enganou? A posteridade nem sempre ratifica as opiniões dos auctores sobre o merito relativo das suas obras; e o proprio Adão Smith não suppoz nunca que a *Riqueza das nações* havia de fazer esquecer quasi completamente a *Theoria dos sentimentos moraes*.

(Continúa) T. DE C.

SÉ DE EVORA

A CAPELLA-MÓR

(Conclusão. Vid. pag. 355)

III

Da parte de fóra, a capella-mór da sé de Evora é toda de marmore branco, que, por effeito das causas atmosphericas, se tem tornado n'uns logares pardacento, n'outros denegrido. Aos tres corpos interiores, de que fallámos, correspondem os do exterior, sendo tambem o do meio apainelado, porém com menos ornatos, e o de cima muito mais alto, porque vem a comprehender, mais que o de dentro, a espessura da abobada, o vão ou *pombal* que a separa do terraço, e ainda a balaustrada que remata toda a obra, e d'onde se erguem de espaço a espaço altas pyras flammejantes.

N'uma inscripção latina que está n'um dos paineis exteriores lê-se que em 1721 João Frederico Ludovici, architecto del-rei, dirigiu a construcção do modelo da obra, feito de madeira e reduzido na proporção da quarta parte [1]. Este modelo, de talha pintada e doirada, muito bem acabado, foi, não sabemos como, da sé para o convento da Graça em tempo dos frades. Depois da suppressão das ordens religiosas, transformado o convento em quartel, lá ficou exposto ás inclemencias do tempo e aos insultos da soldadesca, e de todo se perderia se, ha alguns annos, o não trasladassem para a capella dos ossos da egreja de S. Francisco, por louvavel diligencia do digno prior de S. Pedro, o sr. Telles Jordão, a fim de servir de altar á devota imagem do Senhor dos Passos [2].

Como, porém, o modelo não coubesse no logar para

1 *Joannes Fredericus Ludovisius, regius architectus*
Futuri operis specimen absolutissimum
Ad quartam undequaque partem contractum
Ex ligno erigi curavit. MDCCXXI

2 Vid. pag. 81 d'este volume.

onde o destinaram, foi barbaramente mutilado, tirando-se-lhe alguns palmos em altura, sem respeito nenhum ao nome de Ludovici e ás regras architectonicas. Temos por certo que quem tal fez ignorava que punha mãos vandalicas na obra de um dos primeiros architectos que trabalharam em Portugal, e bem assim que todas as peças do modelo tinham medidas certas que não era licito alterar. O que, porém, não ousâmos dizer é se a ignorancia deve servir de circunstancia attenuante ou aggravante ao vandalismo.

Na citada *Descripção* do conego D. João da Annunciada se diz que o modelo custou 2:256$000 réis. Entretanto, n'uns apontamentos muito incompletos da despeza da obra, que se conservam entre os manuscriptos da bibliotheca publica de Evora, achâmos differentes verbas applicadas para aquelle fim, as quaes, todas, sommam 7:934$547 réis, quantia que não parecerá exaggerada se comprehende a remuneração de Ludovici.

Segundo os mesmos apontamentos, o painel do modelo, que se conserva muito deteriorado na egreja de S. Francisco, e é em tudo similhante ao do altar-mór da sé, e reduzido na mesma proporção, foi pintado por Julio Cesar Femini, e custou 88$000 réis. O auctor da mencionada *Descripção* diz que cada um dos quatro paineis que estão nos lados da capella-mór custou 270$000 réis, e o maior, que é o do altar-mór, 700$000 réis; e que todos vieram de Roma, onde foram pintados. Todavia, parecem-nos estes quadros, se não todos, pelo menos o do altar-mór, do mesmo pincel que o do modelo. O quadro maior, como já dissemos, representa a Assumpção; os outros a Natividade, a Conceição, a Coroação e o Natal. Nos apontamentos a que alludimos attribue-se a execução do modelo a mestre João Vicente ou Manuel Vicente de Lisboa.

Os marmores vieram de differentes partes. As pedras maiores foram arrancadas das pedreiras de Estremoz, Borba, Villa Viçosa e Montes Claros, e conduzidas para Evora por bois. Houve tal que dezenove juntas puxaram.

O padre Antonio Franco, da congregação do Oratorio, dirigiu em Estremoz a exploração de todas aquellas pedreiras, correndo as despezas por sua mão. As pedras amarellas, pretas, côr de rosa, e a pedra de burnir, vieram de Cintra. A pedra verde de Roma.

O grande crucifixo de madeira de cedro, que está por cima do altar-mór, foi esculpido por Manuel Dias, o qual, em attenção aos muitos que fez, chamaram *pae dos Christos*. Custou 240$000 réis.

O auctor das estatuas de marmore branco que se vêem por cima do entablamento foi João Antonio de Padua, que ganhava em principio 960 réis por dia. Em 1734 elevaram-lhe o salario a 1$200 réis. Cada uma das estatuas custou de 200$000 a 300$000 réis.

A capella-mór foi exornada com dois candieiros de prata, que tinham de peso 753 marcos, 7 onças e 7 oitavas. Toda a despeza que se fez com elles importou em 16:830$950 réis. Só o debuxo custou 102$940 réis, e deu-se de premio ao ourives Thomaz (?) Corrêa 48$000 réis. Estes candieiros foram levados para França no principio do nosso seculo com as demais pratas da sé de Evora, cujo peso excedeu a 70 arrobas.

A obra durou desde 1718 até 1746. N'este anno, a 22 de maio, sagrou a nova capella-mór o arcebispo D. Miguel de Tavora. Diz-se geralmente que importára em 400:000 cruzados. Todavia, ao conego D. João da Annunciada, que examinou os livros das contas da receita e despeza, pareceu-lhe exaggerada esta somma, entendendo que se deveria reduzir a 120:000$000 réis.

A grandeza da construcção e o espaço de tempo que durou deram origem ao seguinte proverbio, que n'algumas partes do districto de Evora applicam ainda hoje a edificações demoradas: «É como a obra da capella-mór.»

As calçadas da cidade estragaram-se de tal modo pela conducção dos materiaes, que teve o cabido de dar á camara a quantia de 48$000 réis em outubro de 1721, sendo provavel que, pela continuação do estrago, houvesse novas compensações [1].

A. Filippe Simões.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

RECTIFICAÇÕES

Nos apontamentos que ficam n'estas paginas ácerca da villa da Povoa de Varzim é preciso fazer algumas rectificações essenciaes, para que não incorram em erro as pessoas que porventura venham aqui consultal-os.

Na pag. 65, lin. 7.ª, onde se lê =freguezia de *Argivaes*= deve ler-se =de *Argivae*=.

Na pag. 156, lin. 7.ª, dissemos =D. João Affonso, a quem chamavam o *Ataude*=, quando deviamos mais acertadamente escrever =a quem chamavam o do *Ataude*=, quando a verdade é que esta alcunha foi posta a D. João Affonso porque elle costumava, em occasião de guerra, trazer um ataude atraz de si.

Na mesma pag., lin. 36.ª e 37.ª, escrevemos que a doação do castello de Villa do Conde ás religiosas franciscanas de Santa Clara era datada do anno 1318, pouco mais ou menos o do fallecimento de Affonso Sanches. Houve n'isto equivoco. Pelo que consta das *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*, a morte d'aquelle filho bastardo del-rei D. Diniz occorreu uns onze annos depois, porque é provavel que fosse por 1329.

Na pag. 232 pozemos que sobre a janella principal do edificio dos paços do concelho se levantava o brazão d'armas da villa. Não é. As armas que alli se vêem são as reaes.

Os brazões que se vêem no frontispicio da egreja matriz de Villa do Conde são de Villa do Conde, Povoa de Varzim e *Azurara*, em vez de *Barcellos*.

A capella da fortaleza (de que se falla na pag. citada, col. 2.ª) ainda existe. Foi construida á custa do erario, e presentemente não tem artilheria.

A pag. 239, quando tratámos do hospital, póde accrescentar-se o seguinte: O primeiro hospital da villa occupou não só uma das salas dos paços do concelho, mas tambem o segundo andar ou aguas-furtadas. Os dois vereadores, que pela provisão de 1826 eram adjuntos na administração do hospital, a cargo da irmandade da Misericordia, já não fazem parte d'essa administração, porque é expresso em os novos estatutos da Misericordia, organisados em julho de 1867, e approvados por decreto de agosto e carta régia de outubro do mesmo anno, que a gerencia d'aquelle estabelecimento pio pertença exclusivamente á indicada irmandade.

Brito Aranha.

[1] Na primeira parte d'este artigo admittimos, como possivel, que a sé de Evora tivesse sido construida no reinado de D. Sancho I pelo mesmo architecto que em tempo de D. Affonso Henriques edificou a sé velha de Coimbra. A similhança que se nos deparou nas plantas das fachadas principaes, nas ameias e nos triforios, foi causa de que aventassemos tal idéa. Tendo, porém, visitado depois a sé de Coimbra, conhecemos que nos illudiram aquellas apparencias. Na sé de Evora predomina a ogiva, na de Coimbra o arco de volta redonda. N'esta a fórma e os ornatos dos arcos e os capiteis são muito caracteristicos do estilo byzantino-romano; n'aquella em tudo se manifesta o estilo gothico, que, depois do outro, se introduziu em Portugal nos primeiros tempos da monarchia. Ora a differença de estilos prova a diversidade de architectos.

Achámos tambem na cidade de Coimbra outros vestigios do estilo byzantino-romano similhante ao da sé velha. São os dois portaes da egreja de S. Thiago e o da egreja do Salvador. Por essa occasião nos affirmou pessoa competente que era do mesmo estilo o da egreja de S. Christovão, demolido ha alguns annos. Passando depois em Lisboa, examinámos o portal da sé, que encontrámos ainda similhante aos outros a que alludimos. Os decantados capiteis, que tanto tem dado que fazer aos antiquarios, são parecidos com os que vimos em Coimbra, e da mesma sorte os ornatos do arco. Convencemo-nos, pois, de que todos os mencionados monumentos são do estilo byzantino-romano, e de que denotam uma epocha de actividade artistica, respondente aos annos que immediatamente precederam e se seguiram á fundação da monarchia. Como Lisboa fosse dos moiros até que D. Affonso Henriques lh'a tomou, temos por mais provavel que nos principios do seu reinado se edificasse a sé d'esta cidade, no mesmo tempo em que foi construida a de Coimbra.